

## HISTÓRIA DAS INSTITUIÇÕES ESCOLARES: RESPONSABILIDADE DO GESTOR ESCOLAR

*L'Histoire Des Institutions Scolaires:  
la responsabilité du gestionnaire scolaire*

Flávia Obino Corrêa Werle\*

### RESUMO

Discute a importância da preservação da memória de instituições escolares, argumentando que a identidade institucional envolve uma dimensão formal referida à materialidade e base de gestão, e, uma dimensão vinculada com as vivências individuais de cada um de seus participantes. Argumenta que a ação de preservar a história institucional deve ser tematizada na formação do educador, em cursos de formação inicial, de educação continuada e em espaços formativos vinculados ao trabalho docente, de modo que o gestor escolar atue na preservação de documentos, objetos e materiais que expressam momentos significativos da vida institucional.

**Palavras-chave:** História das instituições escolares, formação do professor, memória institucional.

### RESUME

L'article discute l'importance de la préservation de la mémoire des institutions scolaires argumentant que l'identité institutionnelle possède deux dimensions : une première dimension formelle qui fait référence à la matérialité et à la base de la gestion et une deuxième dimension, liée aux expériences individuelles de chaque un de ses participants. L'action de préserver l'histoire institutionnelle doit être abordé dans la formation de l'éducateur, dans des cours de formation initiale, de formation continue et dans d'autres espaces formatifs liés au travail dans l'enseignement. Ainsi, cela peut amener le gestionnaire scolaire à agir dans la préservation des documents, objets et matériels représentant des moments significatifs de la vie institutionnelle.

**Mots-clés:** histoire des institutions scolaires, formation de professeurs, mémoire institutionnelle.

---

\* Professora da Unisinos. Contatos: flavia@bage.unisinos.br

Este trabalho discute o tema história das instituições escolares numa perspectiva conceitual, entremeando-a com dados do real, exemplificações fundamentadas em dados do projeto de pesquisa *Escola Complementar: práticas e instituições*, que estuda três colégios femininos envolvidos com a formação de professoras, criados entre 1872 e 1905. É uma investigação que tem por objetivos: (a) a sistematização da memória social de Escola Complementar do Rio Grande do Sul, compreendendo-a em suas possibilidades de preparação de candidatas para o magistério público, de profissionalização e de construção/ reforçamento de esquemas de ação, contribuindo para pensar historicamente as atuais estratégias de formação de professores; (b) a identificação das forma e peculiaridades com que as diferentes escolas que ofereceram o Curso Complementar se constituíram como instâncias institucionais de poder e formação de mulheres e de professores e suas inter-relações com as escolas elementares e com as demais escolas complementares e instâncias do sistema político-administrativo da educação; (c) a promoção de um processo de comprometimento das instituições para com sua própria história, mediante o envolvimento de uma professora de cada escola na equipe de pesquisa, fomentando uma cultura de preservação do passado, de questionamento e busca da historicidade dos acontecimentos, pessoas e relações sociais.

Hoje, no Brasil, discute-se um “novo ambiente institucional” para a formação dos professores, na perspectiva de responsabilização pela aprendizagem dos alunos, pela gestão da escola e das relações com a comunidade. Com a criação da Escola Normal Superior e os Institutos Superiores de Educação coloca-se a pergunta: serão eles realmente *novas* instituições de formação de professores? A prática de ensino como núcleo central da formação de professores e a constituição de centros de referência pedagógica - os Institutos Superiores de Educação, são propostas que inovam e modificam a formação docente? As instituições de formação de professores compreendem a si mesmas como produto de um movimento social-histórico, colocam-se interrogações, revisam-se e avaliam suas condições concretas e por isto modificam-se?

Um ambiente institucional que se entende *novo* é realmente diferenciado de suas formas anteriores?

A investigação aborda historicamente estas questões, tomando-as como elemento para a reflexão sobre a política da educação e como estímulo à construção de identidades institucionais renovadas que não neguem e descartem seu passado.

Este movimento investigativo problematiza a preservação da memória institucional tanto com referência a como as instituições têm mantido a sua memória, como acerca do que fazem a respeito desta memória, quem a ela tem acesso e a quem compete promovê-la. Não é incomum encontrar instituições sem registros de seu passado, desprezando-o; com lapsos de documentação referentes a longos períodos ou nas quais uma ou outra pessoa domina a documentação apropriando-se da memória institucional como se fosse proprietária do passado institucional do qual muitas vezes nem foi ator ativo. O trabalho parte do pressuposto de que todos somos, a um só tempo, depositários e construtores da identidade institucional e que a sensibilização acerca da memória institucional deve, nas escolas de educação básica, junto aos alunos e aos professores que nelas atuam, fazer parte da proposta formativa da instituição, de forma a questionar e intervir junto a posturas de desconsideração e menosprezo para com o passado.

Este texto coloca-se no contexto de tal projeto de investigação. É um trabalho que enfatiza a possibilidade de abordar a instituição escolar por sua instância dinâmica, considerando o processo histórico de construção da identidade institucional, na medida em que o conhecimento do passado, dos diversos sentidos que lhe podem ser atribuídos e reconstruídos em cada momento histórico, promove a compreensão do presente, favorecendo novas formas de ação (Nunes, 1992). Fórmula a construção da identidade institucional como um movimento que propicia a atualização e a revisão dinâmica e interativa entre ações passadas e futuras, ocorridas na instituição e em seu corpo social, sobre suas propostas, estratégias de procura, meios de controle, e seu presente de realizações, indagações e recursos. Este processo de identificação institucional sempre inacabado e indeterminado, ao possibilitar um ambiente de reflexão sobre a ação e sobre as formas já experimentadas de construção conjunta, afasta os riscos da transformação das instituições em esferas independentes, autonomizadas e cristalizadas.

*“a maior parte da ação humana consciente, baseada em aprendizado, memória e experiência, constitui um vasto mecanismo para comparar constantemente passado, presente e futuro. As pessoas não podem evitar a tentativa de antever o futuro mediante alguma forma de leitura do passado.”* (Hobsbawn, 1998, p. 50).

Conclui-se neste texto pela necessidade do estudo e desenvolvimento de metodologia acerca da identidade institucional escolar como área a ser contemplada na formação do administrador da educação, a partir da compreensão de que a capacidade das instituições colocarem-se interações, perceberem suas contradições e refletirem sobre si mesmas e seu percurso, tem por base a preservação documental e o respeito pela memória institucional a qual é recriada constantemente. Esta capacidade dinâmica e compartilhada pelo corpo social da escola possibilita abertura e um movimento instituinte criador de novas formas sociais.

### **Espaço objetivo e espaço subjetivo como referenciais para o estudo da história das instituições educativas.**

Vivemos imersos em instituições. A escola é uma delas. Segundo Enriquez (1997) o saber é um componente fundante das instituições, assegurando-lhes coesão. As instituições produzem, pela proposta formativa, pelo disciplinamento e coação, pela interiorização da lei através da obediência e submissão, uma adesão em seus membros. Há, em sua origem, uma pessoa principal que lhes dá uma paternidade a qual está vinculada ao saber fundador da instituição.

Varela (1986) também destaca a sistematização do saber docente e a configuração de um corpo de especialistas como um dos fatores determinantes da institucionalização da escola. Este saber, ao lado da separação do mundo adulto e definição de um estatuto da infância; da escola como espaço institucional separado da vida e local de isolamento das crianças do mundo adulto, e da substituição de outros espaços sociais envolvidos com propostas formativas e de socialização, colabora para a constituição da escola na forma como hoje temos (obrigatória, universal e gratuita). Assim, são possíveis algumas aproximações entre estudos sobre instituições em geral e sobre instituições escolares, pela indicação da base material, saberes, distinções entre fundadores, agentes, demandantes, como aspectos caracterizantes. Na escola, a emergência de um corpo de conhecimentos sistemáticos caracterizador de sua função, resulta também na base de gestão e material. Estratégias de diferenciação, disciplinamento e coesão estão de alguma forma impressa nos prédios, disposição de espaços e equipamentos, nos projetos de formação, normas e regulamentos.

As instituições são lugares de ação social e, como tal, marcadas pelo tempo, espaços e pessoas, são formas sociais dotadas de organização jurídica e material, cujo estudo envolve a análise de suas origens, gênese, estabilidade, rupturas e processos de formação. Elas são o espaço real, tanto objetivo como subjetivo, no qual vivenciamos relações, valores, normas, poder, experiências de lideranças, rivalidades, conflitos e competição.

As instituições são um *espaço objetivo*, material, concreto, a partir da consideração de sua base material, a qual constitui o primeiro elemento de sua materialidade, a ancoragem primordial da instituição. A experiência da instituição e seus espaços oferece a sensação de existir aqui, de estar nesta situação, permitindo percepções, observações, descrições e representações. (Butelman, 1996, p. 14). As instituições têm um espaço físico demarcado frente às demais e, internamente, as diferentes propostas pedagógicas, administrativas e de disciplinamento também estabelecem demarcações, criando níveis, especificações expressas materialmente.

Um dos espaços de demarcação das instituições frente às demais é o prédio. O prédio escolar é um elemento importante na busca de identidade da instituição educacional, funcionando como agente físico ativo nas subjetividades e na materialidade da cidade. Expressa uma visão da funcionalidade institucional presente no momento em que foi erigido, trazendo um fardo de história pelas relações e vivências construídas em seu interior e arredores. Muitas vezes, em nome da inovação e sob desculpas de desgaste físico, o fardo da história sofre intervenções que o vão descaracterizando e tirando a historicidade, alterando a identidade. As pessoas que nele viveram, ao revisitá-lo, são surpreendidas pelas alterações (reformas, ampliações, demolições) percebendo quase como uma traição as alterações introduzidas nos espaços que emolduravam os acontecimentos guardados na memória (Werle, Bühler, Dornelles, 2000).

O prédio traz história mas também uma visão de futuro, na medida em que abriga uma proposta pedagógica, expectativas quantitativas e qualitativas de atendimento, e com isto uma forma de explicitação de suas funções numa dimensão prospectiva. Assim, pode-se identificar uma forte atenção à função de preparação profissional em laboratórios e oficinas, máquinas e equipamentos escolares. Ou ainda, uma forte marca de cuidado com a saúde e com o corpo se expressa nos pátios, canchas esportivas, equipamentos de ginástica e gabinete médico, janelas e preocupação com arejamento e iluminação, dimensões das classes e cadeiras utilizadas pelos alunos.

No caso de instituições educativas, a materialidade de seu prédio as localiza frente às demais escolas e no espaço da cidade como um todo. A institucionalidade material da escola não é um aspecto circunscrito à comunidade escolar - alunos, professores, administradores, funcionários, pais -, mas ampliado para a cidade. A materialidade da escola tem significado não apenas para a própria instituição mas para os moradores e instituições das cercanias, mesmo que não tenham estudado, trabalhado ou enviado seus filhos ou netos para aquela escola. Na cidade situa-se e pertence o prédio escolar. Analisar instituições escolares implica atentar ao ambiente no qual a escola se insere, às ruas e demais prédios, à vizinhança, bairro, cidade, às demais escolas, aos cidadãos da cidade. Memória institucional não é apenas memória da instituição escolar, de seus agentes, e das demais instituições educativas com que manteve relacionamentos, mas é memória da cidade.

Por outro lado, o espaço objetivo de demarcação das instituições frente às demais são também suas propostas. A capacidade de formulação de propostas, planos e projetos, de expressão e operacionalização de intenções, que respondem a funções sociais e a traços culturais importantes para a comunidade em um certo tempo e lugar, constitui uma força impulsionadora relevante para situar a instituição escolar frente às demais e no contexto da cidade. O surgimento e o funcionamento das propostas ocorrem e produzem diferenciações internas, criando níveis, especificações no interior das instituições caracterizando-as também frente às demais. As vivências decorrentes das posições diferenciadas de alunas externas e alunas internas, de funcionários e de professores, de docentes de Ciências Exatas ou de professores de primeiras letras, entre os turnos de funcionamento, estabelecem demarcações que configuram as instituições como um espaço real, tanto objetivo como subjetivo de vivências, relações, conflitualidades e convergências. A base de gestão - regimentos, normas, currículos, procedimentos e seus administradores - é um espaço concreto de manifestação da instituição.

Por outro lado, as instituições são também um *espaço subjetivo*, pois se reconstróem na memória a partir das relações vividas em tempos e espaços definidos, compreendidos e rememorados a partir das subjetividades particulares dos que nelas viveram e se relacionaram. São um espaço subjetivo pois, embora as dimensões de continuidade e duração lhe sejam muito evidentes, nelas também se inscrevem relações de autonomia, de liberdade, na medida em que há uma pluralidade de modos de pertencimento e maneiras de interagir que produzem compreensões diferenciadas acerca da própria instituição.

A instituição como espaço subjetivo é uma outra forma de designar o “substrato não material das instituições”, segundo o qual a instituição é a idéia que os seus membros fazem dela e a definição que a comunidade dá a respeito da mesma (Malinowski, apud Lourau, 1995, p. 125).

Trabalhar com esta dimensão subjetiva na qual a instituição se produz, implica em aceitar múltiplas formas de caracterizá-la, ligada àqueles que nela atuaram, seus papéis, visões de mundo e relacionamentos. Assim não há uma, mas múltiplas histórias da instituição, de acordo com os grupos que as contam e com a época em que vivenciaram a instituição. Desentranhar estas memórias e histórias da instituição contribui para torná-la mais viva, evitar o esclerosamento e a hipertrofia do instituído. Dar fala a seus diferentes atores que, em diversas posições e em diferentes tempos viveram a instituição, revela suas múltiplas estratégias de construção e as variadas e muitas vezes conflitantes identidades institucionais e os processos de rejeição e aproximação que em seu interior se construíram.

Ocupar-se da memória institucional é analisar e abordar relatos históricos para chegar à organização e a suas práticas. Mezano nos fala dos vários níveis da história.

*“A história está conformada por histórias de vida singulares, que transcorrem no seio das instituições. Nelas se entrelaçam acontecimentos de trabalho, questões de poder, vínculos libidinais individuais e grupais, inseridos na cultura recortada de cada organização em particular...”*  
(Mezzano, 1998, p. 37).

Considerar estes diferentes níveis enriquece a produção em história das instituições escolares e possibilita um olhar em direção às tensões entre o instituído e o instituinte.

Considerar a dimensão subjetiva na qual as instituições existem, previne uma abordagem coisificante e objetivista da instituição, pela qual os prédios, propostas pedagógicas, planos, regimentos, relatórios apresentariam a instituição como realidade objetiva dada, captável, percebida em sua completude e universalidade. A exclusividade ou até a predominância da perspectiva objetiva tende a considerar a instituição na dimensão estática, enfatizando o instituído. É uma perspectiva que tende a tornar-se inerte, acentuando continuidades, sem admitir diversificações e outras abordagens e compreensões acerca da instituição. A perspectiva subjetiva, em suas múltiplas faces, a completa e previne esta estagnação.

Os dados empíricos da pesquisa mostram que a história que as instituições educacionais contam de si mesmas é reforçadora dos espaços objetivos, aqueles que vão sendo eleitos como os mais importantes e expressivos da memória/história institucional. Nesta eleição muito é descartado, outro tanto é cristalizado, tornado fixo, naturalizado e há, por vezes, uma caricaturização das relações sociais e condições concretas da instituição.

O cultivo da memória institucional implica rearticular relações, emoções vividos em um certo espaço numa perspectiva individual e grupal. Merece destaque a importância da base material ao ser mesclada com o real subjetivo que emerge em processos de preservação da memória. Recuperar a memória com referência à base material pode significar se recolocar naquele lugar e, a partir de fotos e imagens, revisitar, pela recordação, os espaços subsequentes e contíguos ao fragmento presente na imagem, retomando afetos e acontecimentos que ali ocorreram, recuperando os fatos vividos sob a forma de narrativas.

### Tempo e memória institucional

O tempo é outra dimensão institucional que se manifesta e se expressa tanto nos diversificados espaços subjetivos como no espaço objetivo no qual seu poder também se expressa. A dimensão tempo está conectada com espaço e lugar de vida institucional, grupal e individual<sup>1</sup>.

Percebemos a dimensão de tempo quando identificamos movimento, articulação, processos, mudanças nas instituições. “O tempo histórico funciona como enquadramento e configura o espaço real no qual se organiza e funciona uma instituição” (Butelman, 1996, p. 24).

É por considerar esta dimensão temporal da instituição que se faz necessário identificar as características do “projeto primitivo”, caracterizar seus fundadores, questionar as origens da instituição e de seus enquadramentos mais amplos - escola, vila, cidade - localizar informações, tais como propostas e objetivos iniciais, desenvolvimento e dificuldades, bem como quais as histórias e mitos relacionados aos fundadores.

O tempo, portanto, imprime marcas nas pessoas e em suas relações, nos prédios, na base material e de gestão e nas representações das instituições. Jornais, documentos, imagens, guardados, fontes complementares para a história das instituições educativas, registram fragmentos da vida institucional, datados no tempo. Sua preservação implica numa forma e em possibilidades de tomada de consciência da história institucional.

O tempo constantemente age sobre a base material e documental da instituição, mas também sobre os espaços institucionais construídos nas subjetividades daqueles que registram, em suas memórias e guardados, histórias da instituição. Entretanto, o objetivo da consideração dos diferentes espaços em que a instituição vive - objetivo e subjetivo -, não é a recuperação exata, exaustiva e minuciosa dos fatos como se fossem coisas captadas em sua essência. Visitar variadas vezes os espaços subjetivos e objetivos da instituição possibilita diversificados e não necessariamente convergentes e completos entendimentos acerca da história institucional. Justamente pelo fato de que o tempo age, cada tempo constrói uma história, suas histórias acerca da escola.

<sup>1</sup> O trecho transcrito a seguir indica como a depoente se refere a um tempo que não é o de hoje no qual ela fala, em que os espaços e funções eram localizados diferentemente. “Lembro sempre do Sévigné antigo. Infelizmente, o corredor de entrada, o hall da capela desapareceram... Mas a Capela ali está como um tesouro, uma obra de arte...” (Rezende, 2000, p. 118).

### Dimensões da história institucional

Memória implica em cuidado e formação, ela é dinâmica, produz movimentos, articulações entre o presente e o passado. Memória não é “guardar intocado”, apartar, mas retomar, atualizar, preservar e submeter vivências, emoções, lembranças a novas significações. Trabalhar a memória individual, de alguma maneira, oportuniza a recuperação da memória coletiva e de identidades institucionais. Historiar a memória institucional é atribuir poder à memória social, é trabalhar no cruzamento entre lembranças pessoais, grupais<sup>2</sup> e institucionais.

As instituições têm a sua história/memória e a forma como esta é registrada e o que nela é enfatizado é importante para compreendê-la. Esta história/memória institucional é variável no tempo, reescrita de quando em quando. Pode-se dizer que ela tem duas dimensões, uma oficial e outra idiossincrática. Conforme os agentes da instituição vão retomando esta história, vão retrabalhando-a, enfatizando determinados elementos, encobrendo outros. A história/memória que as instituições mantêm de si mesmas é uma dimensão que, em grande parte das vezes, reforça os espaços objetivos da instituição, as continuidades, contando novamente o que anteriormente já vinha sendo referido, reproduzindo simplesmente o que outros no passado escreveram, embora retomando, periodicamente, tais escritos para acrescentamento de fatos recentes. Por vezes, esta memória pode tomar uma dimensão de exclusividade e posse.

As marcas da *oficial/história/memória institucional*<sup>3</sup> - quais sejam livros, arquivos, registros, fotos correm o risco de serem tratados, em certas instituições, como pertencentes não à instituição mas à pessoa ou pessoas que cuidam dos arquivos e preservam os livros e guardados. Esta atitude de posse e exclusividade impossibilita a oficial/história/memória institucional de ser revisitada e retomada em cada momento histórico pelos alunos, professores e administradores, os quais poderiam se reapropriar e reconceber a história/memória institucional de diferentes formas, retrabalhando-a numa dimensão atual da identidade institucional. Esta atitude de posse priva a instituição de utilizar sua história/memória como componente ativo da proposta educativa.

As descrições da oficial/história/memória institucional podem representar esquematicamente os fatos da instituição, marcando datas, destacando as ampliações do prédio escolar, ou a pessoa das diretoras. Nestas representações da oficial/história/memória institucional há, devido à adoção de esquemas e resumos, uma redução da complexidade do real. Numa das escolas estudadas encontrou-se registros datilografados de entrevistas feitas com ex-alunas tematizando suas vivências na escola. Era um material rico para a análise da história institucional que fora coletado por ocasião de uma data comemorativa do aniversário da escola, embora não houvesse junto ao material referências acerca da forma como tais informações foram ou seriam tratadas e utilizadas. É, entretanto, um fato isolado, o qual também demonstra uma falta de articulação e de sistematização mais ampla das informações registradas, embora seja muito positivo o fato de terem sido coletados e preservados<sup>4</sup>.

Entretanto, a história/memória institucional está também presente naqueles que nela entrevistaram, e que nela viveram<sup>5</sup>. Esta é de fato não uma mas várias dimensões da memória institucional. A esta dimensão designamos de *idiossincrática/história/memória institucional*. É esta

<sup>2</sup> Entrevista realizada com um grupo de ex-complementaristas que estudaram na condição de internas na mesma escola, freqüentando um mesmo curso, na mesma época, evidencia relações de liderança que também ocorriam na escola pois uma delas como que falava pelo grupo, rememorando acontecimentos vividos, o cotidiano do banho, do dormitório, da sala de estudos e de aula, as visitas dos noivos. Se havia uma observação mais íntima, uma das presentes, mais tímida, intervinha na conversa, ponderando que era assunto privado. A sua manutenção como grupo social/caritativo por certo decorre da formação dada na escola. Reúnem-se, quinzenalmente, no salão paroquial de uma igreja para tomar chá e fazer roupinhas para os pobres; uma atividade ao mesmo tempo social, assistencial e reforçadora dos valores promulgados pela escola, tida como marcantemente feminina, uma estratégia de manutenção de experiências de partilhamento entre si.

<sup>3</sup> De acordo com os dados empíricos trabalhados, em escolas privadas a dimensão história/memória pode ser identificada com o Livro das Crônicas que é escrito por uma religiosa, com função na administração superior da instituição e que registra o ocorrido em cada ano letivo. A leitura do Livro das Crônicas permite identificar o entrecruzamento de questões da congregação com as educativas, os estilos diferenciados de cada autor e as ênfases temáticas presentes em cada tempo histórico. As administradoras não registram a sua memória, mas uma memória comum, neutra, factual.

<sup>4</sup> As entrevistas estão datilografadas, não há fitas de áudio correspondentes.

<sup>5</sup> Um exemplo é o livro “Histórias do Sévigné Centenário. 1900 2000” (Porto Alegre: Pallotti, 2000. 236p.), elaborado por ocasião do centenário da escola, composto de depoimentos de ex-alunas e ex-alunos que estudaram na escola entre 1926 e 1990, bem como de alguns professores.



dimensão da história/memória institucional que vive e revive em cada pessoa que teve algum tipo de vinculação com a instituição e que explicita a amplitude e complexidade desta dimensão no tocante à contribuição para a história institucional. Muitas vezes nela se dão a ver as rupturas e os movimentos de resistência nos diferentes segmentos da instituição escolar<sup>6</sup>. Ela pode acenar para dimensões não contempladas na oficial/história/memória institucional e contar com sua existência e importância torna mais ampla, complexa e viva a história e a identidade institucional.

A forma de expressão e registro de sua memória configura significados acerca das situações. Expressar descritivamente fatos vivenciados auxilia a criar uma consciência da instituição. A enunciação acerca de uma instituição cria espaços e produz consciência e identidade de si e da situação. As descrições em isolado podem não dar conta da complexidade da situação, não apontando significados múltiplos, superpostos e contraditórios mas um conjunto delas, entretanto, pode ajudar a desvendar tramas, interpretar e compreender redes de relações, não apenas iluminando situações passadas, mas as presentes.

### História e identidade institucional<sup>7</sup>

*“Produzir sentidos com os quais podemos nos identificar é construir identidades”* (Hall, 1999, p. 50)

Há nos dias de hoje um movimento forte envolvendo especialmente a gestão de escolas privadas, decorrente da competitividade atual e com origens no mundo empresarial, que lança a renovação e a necessidade de busca de novas alternativas, objetivos, prioridades e estratégias de ação institucional como uma grande urgência a ser enfrentada. Está associado a um apelo para o novo, para a mudança, para a inovação e um correspondente distanciamento do passado. A ânsia de diferenciação atinge não apenas suas relações com outras escolas, mas a si mesmas; há como que uma luta com o passado condenando-o ao esquecimento. Esta necessidade de diferenciação se expressa na base material e de gestão da instituição mudam-se espaços, estruturas, pessoas, currículos, propostas em nome do *novo*.

É preciso considerar entretanto, que a retomada do passado não significa, como já foi anteriormente discutido, uma retomada de propostas fixas, uma condição de cristalização, algo dado, estabelecido. Muitas vezes o que pode parecer uma volta ao passado pode ser uma estratégia de reposicionamento e reafirmação de novas posições e constituir parte de um processo de construção de novos caminhos, novas propostas na dinâmica das relações institucionais<sup>8</sup>. “Uma das formas pelas quais as identidades estabelecem suas reivindicações é por meio do apelo a antecedentes históricos.” (Woodward, 2000, p. 11).

Os dados empíricos trabalhados, conforme acenado nas linhas anteriores, sugerem que não se pode falar de identidade institucional, mas de identidades, muitas e variáveis. Uma variação que ocorre, seja na dimensão oficial, diferenciada da dimensão idiossincrática, seja nas diferenciações entre momentos históricos distintos que levavam à valorização de uns cursos e não de outros, os quais passaram posteriormente a receber destaque e maior procura, espaços novos, mais bonitos e atualizados, em detrimento de outros que caíram no ostracismo ou não foram disputadas pela sociedade. Este movimento de valorização e discriminação de propostas oferecidas pelas escolas está também relacionado ao momento político mais amplo e aos planos e leis em vigor no país, em cada momento histórico.

<sup>6</sup> Em entrevistas realizadas com ex-alunas, muitas vezes os fatos lembrados são os relativos a estratégias de resistência e burla de normas, mais do que fatos objetivos e propostas institucionais. Pouco se estuda acerca da polifonia obtida, a partir da busca de depoimentos da história institucional pela fala de ex-funcionários da instituição escolar. É mais comum encontrar a história institucional recontada pelos ex-professores, ex-alunos, do que por ex-funcionários que realizassem tarefas de apoio e subalternas. Nas entrevistas com ex-alunas emerge a memória dos micro processos dos diferentes segmentos da instituição escolar. As ex-alunas lembram as desobediências, os ilícitos praticados, os afetos que acompanham as relações humanas.

<sup>7</sup> Embora os estudos que abordam as questões de identidade encaminhem a discussão mais numa perspectiva de indivíduos e grupos - etnias, gênero, raças, ... -, traço alguns paralelos com a identidade institucional, apropriando-me de alguns conceitos tratados nestes estudos.

<sup>8</sup> Principalmente em datas de aniversário da escola, quando há comemorações de setenta, noventa, noventa e cinco, cem anos, há esta retomada histórica como uma forma de valorizar ainda mais a escola de hoje que ali está capaz de se manter por tantos anos formando a comunidade e sendo por ela buscada.

Isto pode ser explicado pela consideração dos movimentos que acompanham o processo de produção de identidades. Há uma oscilação entre a estabilização e a subversão, pois, em matéria de identidade, “A fixação é uma tendência e, ao mesmo tempo, uma impossibilidade” (Silva, 2000, p. 84).

Falar de identidade e história institucional não significa, também, a proclamação de uma posição evolucionista, tal como uma tentativa de recuperar, encontrar ou manter uma direção geral na história institucional. Ao invés disto, falar de identidade e história institucional registra a compreensão da importância destes temas para as escolas e para os que nelas atuam hoje. Não significa também que a história institucional é uma ou “a” narrativa, com características de unificação, permanência e de verdade. A discussão aqui empreendida aponta na direção de identidades, de histórias da instituição educativa, por isto a importância dos componentes da escola compreenderem a importância e a dimensão da preservação da memória institucional.

### **A formação do administrador escolar: contribuições do estudo da memória/história institucional.**

É lugar comum afirmar que as escolas atualmente não preservam sua história. Incêndios, arrumações, limpezas, mudanças, superlotação e falta de espaço, ação de insetos e desconhecimento são alguns dos fatores que exterminam com a memória material, objetiva da educação. O consumismo, a competição, a valorização do novo, bonito, jovem, contribuem para o silenciamento do substrato não material das instituições que permanecem na memória dos “ex” alunos, professores, diretores, funcionários.

Quando há alguma preservação, o acervo não se encontra organizado de forma que as informações sejam facilmente recuperadas. “Em decorrência da inexistência de critérios sistemáticos de organização, a maior parte dos arquivos não têm instrumentos de pesquisa fichas, listas, guias, etc. - que assegurem o acesso aos documentos. Este é feito através da memória dos funcionários responsáveis” (Ribeiro, 1992, p. 54). Fica a questão: e quando estes são deslocados para outro setor da escola, demitidos ou se aposentam?

Por outro lado, os administradores escolares ocupam-se, no seu dia-a-dia, com solicitações de variados tipos, respondendo à hierarquia do sistema, às demandas da comunidade, pais e professores, às necessidades de qualificação e tantas outras, que assumem feições diferentes em cada instituição escolar.

Para Giddens (1991) as instituições sociais modernas são marcadas, em especial, por três fatores: pela rapidez e aceleração do ritmo das mudanças, pelo seu escopo global, não circunscrito a espaços ou grupos, e pelos tipos intrinsecamente diferentes destas instituições em relação às tradicionais. A modernidade, conforme sugere o autor “é multidimensional no âmbito das instituições” (Giddens, 1991, p. 21), desconectando espaço e tempo. As muitas demandas e a aceleração como características que invadem a instituição contribuem para o deslocamento e a ruptura com a história da instituição. Não é incomum que novos gestores assumam a escola sem a mínima informação acerca de seu passado e sua trajetória.

Dentre outros fatores, as novas tecnologias assumem um papel de intervenção importante na forma como as escolas têm se organizado nos últimos anos. Julia Varela como referimos anteriormente, identificou a separação da criança do mundo adulto e a escola como lugar apartado do cotidiano da vida, como dois dos fatores que produziam a escola obrigatória e gratuita e contribuíram para a emergência dos sistemas educacionais. Entretanto as novas estratégias formativas decorrentes da educação à distância estão permitindo a permanência da criança em sua casa, e, com mais segurança, possibilitando acesso a múltiplos ambientes virtuais de aprendizagem. Não mais a escola como lugar especial, separado da casa, como presença, mas como função. Os lugares, distâncias e tempos escolares estão sendo profundamente redimensionados. Por certo isto não ocorre em todo o sistema educativo, mas as questões de “o que, quando e onde estudar” estão sendo problematizadas cada vez com maior intensidade e frequência.

Estas questões afetam diretamente o tema central deste texto: a preservação da memória das instituições educativas, a identidade institucional e a memória e compartilhamento da história institucional. Novas formas educativas estão se constituindo. Como registrar esta história e preservá-la? Frente a elas é fundamental rever procedimentos anteriormente adotados, para identificar que



estratégias são primeiramente abandonadas, quais são ajustadas e quais substituídas e que rupturas ocorrem. Isto é possibilitado pela consideração do que foi produzido com referência à história das instituições educativas, o que nelas aconteceu, como se construiu a escola que se começa a desconstruir?

Entretanto, uma atitude de preservação da memória não se desenvolve sem um consciente processo de formação. Uma formação para a história/memória social deve ser buscada em todas as escolas e seus processos serem extensivos à toda a comunidade, constituindo uma proposta de política institucional e política educacional mais ampla.

Na abordagem da história/memória de escolas, o papel do administrador escolar e dos professores é fundamental<sup>9</sup>. Preservação é atitude, é processo de formação de valores, expresso em ações e conhecimentos. Os diferentes segmentos devem colaborar e especialmente os gestores devem estar atentos e considerar as necessidades e exigências técnicas de preservação e recuperação da memória institucional. Seguramente, a história/memória institucional pertence à área de responsabilidade do administrador, especialmente pelo fato de vivermos um período em que a tendência predominante é a descentralização e a autonomia da escola.

Nos cursos de formação de administradores esta temática é praticamente inexistente. Mas, se a história das instituições educativas não foi tema e nem constituiu preocupação prática em cursos de formação inicial, o mesmo poderá ser incluído em programas de formação continuada e em serviço de professores e de administradores.

Magalhães (2001) apresenta trabalho de recolha e organização de informações arquivísticas de instituições educativas, realizado por uma equipe de pesquisadores que realizaram um mapeamento de documentos existentes nas escolas sugerindo formas de organização dos mesmos, localizando documentos bastante antigos, mostrando que, por exemplo, algumas escolas portuguesas preservam correspondência recebida e expedida, datada de 1880. Um achado destes indica uma postura de respeito e preservação da memória institucional que perdura por mais de 120 anos. É um exemplo de cultura de preservação, mentalidade de respeito e de cultivo da história das instituições educativas a ser imitado.

Estudo feito pela ANPAE referente à formação e a prática dos profissionais da educação, baseado na análise de resumos (144) de dissertações de Mestrado e de teses em Educação produzidos em 40 programas de Pós-Graduação de Instituições de Ensino Superior brasileiras analisa, dentre outras categorias, a formação do especialista da educação. No trabalho, não há menção a resumos que tenham analisado o administrador como um líder na preservação da história/memória institucional. Há entretanto menção ao “papel educativo do administrador” (Castro & Ferreira, 1999, p. 157). Ora, se o administrador tem um papel educativo, aquele referente à memória institucional é de suma importância.

Na pesquisa “Formação do Administrador da Educação no Brasil”, também realizada no âmbito da ANPAE (Aguiar & Alloufa, 1998), que chegou a analisar as disciplinas e proposta curricular de cursos de graduação e de pós-graduação, também não há registro de terem encontrado disciplinas relacionadas à história/memória institucional em tais cursos de formação de Administradores escolares.

Questões relacionadas à memória institucional não parecem preocupar os práticos, nem sequer os secretários municipais de educação, que desempenham uma posição política e de liderança estratégica nos municípios brasileiros, com relação à administração da educação. Estudo recente (Castro, 2000) demonstra que nem todos os secretários de educação dos municípios têm curso superior; dentre os entrevistados da pesquisa, apenas 50% o tinham. Destes, dentre os pouco mais de 30% que possuem curso de especialização, apenas alguns o fizeram na Área de Administração Escolar. Entretanto, vale destacar as estreitas relações escola-comunidade, na rede municipal e o quanto investimentos feitos na formação de recursos humanos desta rede podem trazer resultados concretos para a comunidade: “investimentos em desenvolvimento de recursos humanos em nível local tendem a ter um rendimento ótimo, pois os professores, diretores e Secretários de Educação têm vida ativa naquela comunidade e, de forma geral, tendem a permanecer no local.” (Castro, 2000, p. 14).

Identifica-se, portanto, entre as escolas e os sistemas de ensino a diversidade, tanto em termos de pré-requisitos, como de padrões em relação à formação do administrador, nos diferentes estados brasileiros (Castro & Ferreira, 1999, p. 156), o que sugere a extensão da necessidade de providenciar, junto aos mesmos, formação e discussão em temas de história e memória institucional.

<sup>9</sup> Encontrou-se numa escola da pesquisa trabalhos de fotografia sobre a Capela feitos por alunos, sob orientação da professora de Artes e de professora de História.

### Conclui-se que

Discutir a identidade institucional de uma instituição educativa é discutir a identidade da cidade na qual se encontra. Os relacionamentos públicos da vida institucional decorrem de como se constituiu sua base material e de gestão, em articulação com outras instituições e poderes da vida social. Portanto, o passado das instituições educativas não pertence apenas à instituição, a seus líderes e à mantenedora, mas à sociedade em que se encontra.

Identidade institucional envolve várias dimensões. A dimensão institucional propriamente dita, referida à materialidade e base de gestão, é construída dinamicamente em relação aos relacionamentos públicos da vida institucional.

A preservação de documentos, atos, correspondências, prédios, equipamentos e marcas culturais é fundamental para que esta dimensão não se calcifique, enrijeça e morra pela rarefação de marcas do passado.

A segunda dimensão tem uma face múltipla, em decorrência das vivências individuais de cada um de seus participantes e suas manifestações. A face múltipla da instituição é encontrada na intimidade dos que com ela interagiram e nas vivências individuais e de grupo e nas interações destes com os limites, coações, interdições, modelos de comportamento a serem interiorizados, normas de conduta e processos formativos a que foram submetidos e que são produzidos na instituição.

Entende-se que preservar possibilita novas interrogações, perceber rupturas, inconsistências, contradições, daí a importância de uma formação de administradores e professores voltada para a preservação da história institucional. O administrador precisa considerar que o presente, e portanto sua ação profissional, situa-se numa dimensão temporal, ocorre em instituições e pessoas que trazem marcas de suas relações, decisões e ações, que são historicamente constituídas no tempo e no espaço. Daí a importância da questão: como a dimensão tempo é trabalhada em cursos de formação de professores e de administradores? Quais as conseqüências para o trabalho e para a formação do administrador de considerar a instituição como espaço subjetivo e objetivo, vinculado à sua presença na cidade?

### Referências bibliográficas:

AGUIAR, Márcia Angela & ALLOUFA, Jomária Mata de Lima. Formação de Administradores da Educação. Relatório final de pesquisa. Brasília: ANPAE, 1998. Série estudos e Pesquisas no. 2.

WERLE, Flávia Obino Corrêa, BÜHLER, Caren, DORNELLES, Rute Vieira (2000). Preservação da memória: impactos do processo de estudar a história de um colégio. São Leopoldo, *II Congresso Internacional de Educação*, 3 a 5 de out., Mimeo.

BUTELMAN, Ida (1998). *Pensando as Instituições: teorias e práticas em educação*. Porto Alegre: ARTMED.

CASTRO, Marta Luz Sisson de (2000). Liderança e ação do secretário municipal de educação. *Educação*. Porto Alegre, ano XXIII, n. 42, p. 9 36, nov.

CASTRO, Marta Luz Sisson de & FERREIRA, Naura Syria Carapeto. Profissionais da Educação: formação e prática uma análise da produção acadêmica 91 97. In: ANPAE. *O estado da arte em política e gestão da educação no Brasil*. Brasília: ANPAE, 1999. P. 141 162. Série Estudos e Pesquisas no. 6.

CHAPOULLIE, Jean-Michel, BRIAND, Jean-Pierre (1994). A instituição e a escolarização: uma visão de conjunto. *Educação & Sociedade*, Campinas, n. 47, p. 11 60, abr.

ENRIQUEZ, Eugéne (1997) *A organização em análise*. Petrópolis, RJ: Vozes.

GIDDENS, Anthony (1991). *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: UNESP.

- HALL, Stuart (1999). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A.
- HOBSBAWN, Eric (1998). *Sobre História*. São Paulo: Companhia das Letras.
- LOURAU, René (1995). *A análise institucional*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- MAGALHÃES, Justino (1996). *História das Instituições Educativas*. ANPED, abr. Mimeo. 18 p.
- MEZZANO, Alicia Corvalén de (1998). Lembranças pessoais memórias institucionais: para uma metodologia de questionamento histórico-institucional. IN: BUTELMAN, Ida (org) *Pensando as instituições: teorias e práticas em educação*. Porto Alegre: Artmed. p 35-66.
- NOVASKI, Augusto João Crema (1991). Historicidade e Instituições Humanas. *Pro-posições*, Campinas, no.4, p. 16-25, abr.
- NUNES, Clarice (org.)(1992). *O passado sempre presente*. São Paulo: Cortez.
- REZENDE, Janina Andrade Sobral (2000). A magia do passado. *Histórias do Sévigné Centenário 1900-2000*. Porto Alegre: Pallotti. P. 117-120.
- RIBEIRO, Marcus Venício Toledo (1992). Os arquivos das escolas. In: NUNES, Clarice (org). *Guia preliminar de fontes para a História da Educação Brasileira*. Brasília: INEP. P. 47-64.
- SILVA, Tomaz Tadeu da (2000). A produção da identidade e da diferença. IN: SILVA, Tomaz Tadeu da (org) *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes. P. 73-102.
- VARELA, Julia (1986). Genealogia de la Escuela: análisis socio-historico del proceso de institucionalización de la escuela primaria. *Tempora*, no. 8. Tenerife, Facultad de Filosofía y Letras, Univesidad de la Laguna, pa. 13-44, jul./dic.
- WOODWARD, Kathryn (2000). Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. IN: SILVA, Tomaz Tadeu da (org) *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, P. 7-72.

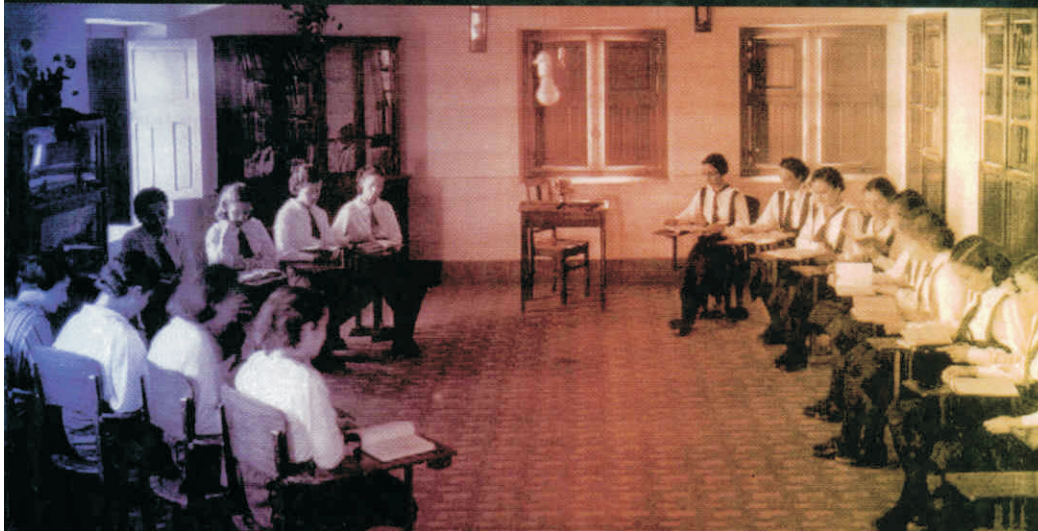
Recebido em Abril de 2004  
Aprovado em Junho de 2004

# NOVOS TEMAS EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

INSTITUIÇÕES ESCOLARES E EDUCAÇÃO NA IMPRENSA

José Carlos Souza Araujo & Décio Gatti Júnior  
(organizadores)

Carlos Henrique de Carvalho • Ester Buffa • Geraldo Inácio Filho  
Luciano Mendes de Faria Filho • Maria Helena Camara Bastos  
Maurilane de Souza Biccás • Wenceslau Gonçalves Neto



**Edufu**  Editora da Universidade  
Federal de Uberlândia

**EDITORA  
AUTORES  
ASSOCIADOS** 